



# a Princesa Muda

POR

DE CASTRO OSORIO

ILUSTRAÇÕES DE LEAL DA CAMARA





BIBLIOTECA NACIONAL,  
Conservatória da Propriedade Literária  
LISBOA.

1  
15 de Março de 1921

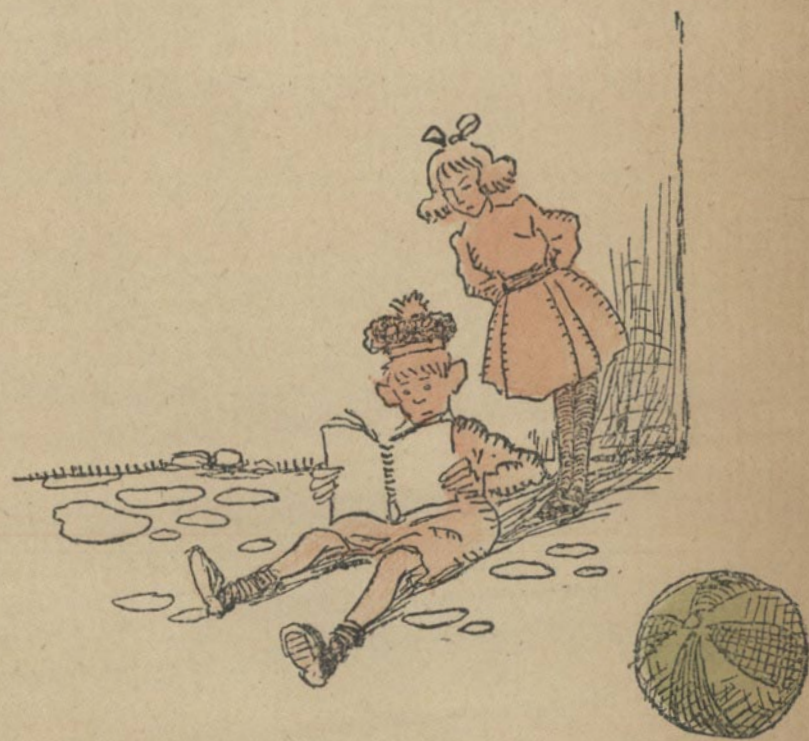
4167

A PRINCEZA  
— MUDA —  
POR D. ANA  
DE CASTRO —  
OSORIO —  
— ILUSTRAÇÕES  
DE LEAL DA  
CAMARA —

23933



1995-  
132









## A PRINCEZA MUDA

Era uma vez um rei que tinha uma filha e desejava casá-la antes de morrer, para não haver guerras e questões.

A princesa era muito bonita e servida com o maior esmero por suas aias, damas e açafatas; de





modo que não havia quem, nesse tempo, a igualasse em elegância e belesa.

Ora um dia em que uma das aias a estava tocando, encontrou-lhe um piolho.

Houve grande alvoroço no palacio pelo achado extraordinario e nunca visto, pois que jamais em cabeça de linda e esmerada senhora se encontrara uma coisa tão horrenda e inferior.

O rei, informado pela grande dama ca-





mareira mór do espantoso facto, immediatamente decretou, que o imundo animal fosse metido numa saca de farinha para engordar.

Depois dali estar algum tempo tomou tais proporções que o rei mandou: que da sua pele se fizesse um pandeiro.

Assim fizeram, correndo tudo em grande segredo. Quando o pandeiro estava pronto, o rei deu um lauto jantar prevenindo os convidados, principes e fidalgos da mais alta gerarquia, de que os destinos do país dependiam daquele banquete, pois "que a princeza havia de casar com aquele que adivinhasse de que era feito o pandeiro,,.





Ficaram todos muito tristes e a princeza chorava como se pode imaginar; pois em lugar do belo cavaleiro que desejava, tinha como noivo um aleijado pedinte. Ofereceram ao homem muito dinheiro, honras e terras, mas o pobre teimou em só querer o cumprimento da promessa, que era a mão da princeza herdeira.

O velho rei arrelava a barba de desespero, mas, como "palavra de rei não volta atrás", a filha teve de casar com o miseravel mendigo.

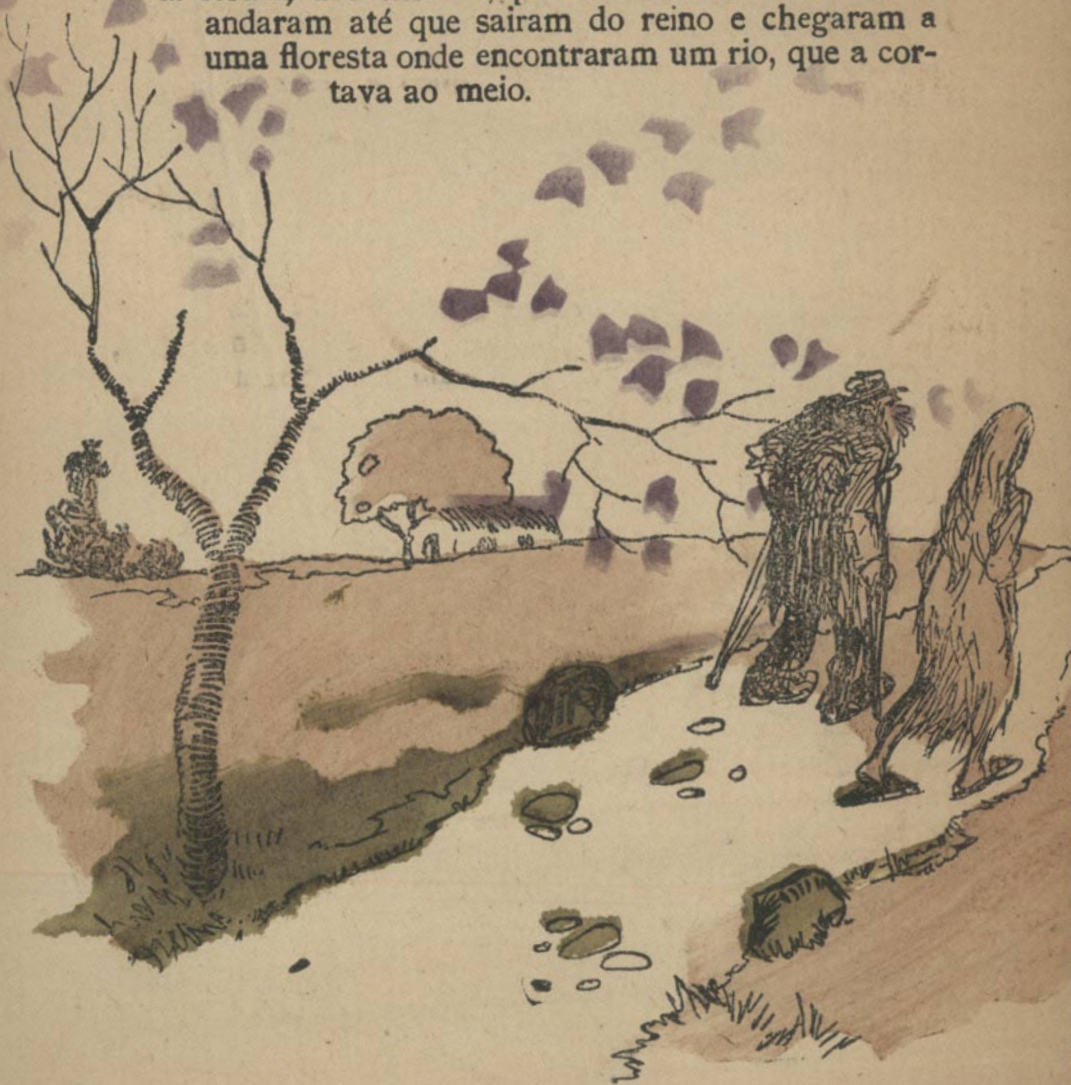






A princeza, porém, envergonhou-se tanto de viver com tal marido no palacio real que lhe disse: "que o acompanharia pelo mundo, continuando ele a sua vida de pedinte, pois não queria sujeita-lo á critica e violencias dos cortezãos despeitados."

Fugiram do palacio logo no dia do casamento e lá foram, déo em déo, pela estrada fóra. Andaram, andaram até que saíram do reino e chegaram a uma floresta onde encontraram um rio, que a cortava ao meio.





A princesa, cada vez mais aborrecida não fazia senão pensar na forma de fugir áquele martírio e vergonha.

A morte já lhe parecia um grande benefício; mas, ao mesmo tempo, a esperança de melhores dias não a queria abandonar.

Cançada e triste, parou ali e disse para o companheiro:

“Que tinha muita sede, que lhe desse uma pouca daquela cristalina água”.

O homem, que não tinha em que pudesse apanhar a água para matar a sede á sua linda e infeliz companheira, debruçou-se para a colher no seu velho chapéu.

Então a princesa num grande impulso de revolta foi por trás e empurrou-o com tanta força, que ele se desequilibrou e caiu na corrente.







Como a cheia era grande, com as chuvas do inverno que tombavam das montanhas, o mendigo não se poudo segurar e foi levado na corrente. Já quando estava a afogar-se fez um esforço e estendendo o braço com raiva amaldiçoou a princeza, que ficara espavorida na margem, e, desesperado, feroz, rogou-lhe a praga de ficar muda!

Sentindo-se imediatamente sem fala, fugiu dali e meteu-se na floresta onde ficou toda a noite sósinha, cheia de pavor, ouvindo os gritos dos animais bravios e o canto





lugar das aves, sem bem saber se lhe fora melhor a morte que tal vida.

Apesar dos farrapos com que se disfarçara para acompanhar o mendigo a princeza mostrava bem ser uma das mais formosas damas do seu tempo; mas, de que lhe servia, se ela propria não era agora mais do que uma desgraçada mendiga?!

No dia seguinte um principe que por ali andava á caça viu-a e achou-a tão bonita e tão desgraçada, que, cheio de respeito e piedade lhe estendeu a mão protectora, esforçando-se por compreender a sua dôr. Como nobre e generoso cavaleiro, sabendo bem a protecção






que se deve aos fracos e aos infelizes, o principe levou-a para o palacio, dizendo ao rei seu pae:

—“Saiba Vossa Magestade que encontrei esta senhora perdida na floresta e fiquei tão preso de amor por ela que não procurarei outra esposa se a sua muidez tiver remedio. Concordou o velho soberano, porque a princeza era de tal forma linda e atraente, que o entusiasmo do filho se justificava bem.







Chamaram então os medicos de todo o reino e do estrangeiro, fizeram consultas e deram-lhe remedios sem conta, mas tudo foi inutil! Por mais que os sabios matutassem a Princeza Muda não podia dizer uma palavra e só por gestos e lagrimas exprimia a sua gratidão e a sua magua.

Assim se foram passando sete anos sem que o principe perdesse a esperança de ver a formosa senhora recobrar a fala e poder, então, dar-lhe a mão de esposo e a seu lado, feliz e satisfeito, assentar-se no trono e tomar as redeas do governo. Com o Principe e com a Princeza estava a vontade do povo, que na infelicidade da Muda encontrava motivo para lhe dedicar maior simpatia.

Mas o velho rei é que não quiz mais delongas e, em nome da razão do Estado, chamou o filho e disse-lhe com autoridade:

“Que era tempo de se mandar procurar noiva porque a menina não recobrava a fala e assim não era possivel consentir em tal casamento, pois nunca se vira no trono uma rainha muda.”

O Principe chorava a sua magua e a sua revolta, mas teve de resignar-se á fatalidade da sorte.





Foi então mandada buscar uma princeza que já estava designada e pedida e o príncipe, apesar do seu amor pela muda, não teve remédio senão obedecer ao rei, seu pae e senhor. Com a morte na alma viu resolvido o casamento e marcado o dia, ordenando o príncipe que a Muda fosse servida como princeza e vestida como tal, resultando que ela se apresentou mil vezes mais formosa do que todas as outras.





Quando já estava o cortejo disposto a seguir para a igreja, a noiva, cheia de despeito, ao vêr a formosura da princeza e a opulencia dos seus vestidos reaes, gritou: "Olha a Muda Mudaça as grandes sedas que arrasta!..."

No meio do assombro geral, respondeu-lhe a princeza Muda, voltando-se cheia de dignidade e de despreso:

— "Olha a sr.<sup>a</sup> Ladroçaça que ainda hoje chegou e já falou; e eu, ha sete anos que aqui estou, é a primeira fala que dou!..."

Mal o principe soube do acontecido correu, cheio de alegria, a dar a mão á sua verdadeira noiva, pois que era a escolhida







do seu coração, e despedindo a intrusa declarou, que só casaria com a Muda, que recobrando a fala lhe contou toda a sua vida.

O príncipe mandou logo um mensageiro ao pae da princeza, que ficou satisfeitiſſimo por tornar a ver a filha, que julgava perdida, e demais a mais casada com um tão perfeito príncipe, herdeiro dum grande reino, vizinho dos seus belos Estados.

Houve grandes festas e regosijos vivendo muitos anos e sempre alegres e felizes.





